

RELATOS ESTRANGEIROS EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

I. A "REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO"*

Odilon Nogueira de Matos

Em nossas longas pesquisas sobre a literatura dos viajantes ou dos estrangeiros em geral que escreveram sobre o Brasil, tivemos nossa atenção voltada para uma grande quantidade de relatos, integrais ou parciais, publicados não em livros, mas em publicações periódicas da mais variada natureza. Se é verdade que muitos desses relatos vieram, com o tempo, a ser tirados em livros, facilitando, portanto, a consulta, não é menos verdade que a grande maioria permanece "escondida" nas páginas das publicações periódicas que os abrigaram. Usamos de propósito o termo "escondida", pois dada a raridade da maior parte dessas publicações, poucos são os que têm acesso a elas, uma vez que mesmo as bibliotecas mais bem dotadas não as possuem completas.

Dentre as publicações utilizadas em nossa pesquisa, destacamos a "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", as revistas dos diversos Institutos Históricos e Geográficos estaduais, os "Anais da Biblioteca Nacional", o "Anuário do Museu Imperial", a "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", a "Revista do Arquivo Municipal" (São Paulo), os "Anais do Museu Paulista", a "Revista do Museu Paulista", "Blumenau em Cadernos", os "Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa" (Curitiba), o "Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos", a "Revista de História", e ainda algumas outras não especificamente dedicadas aos estudos históricos, como "Anhembí", "Brasil Açucareiro", a "Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro", a "Revista Brasileira", a "Revista do Instituto de Estudos Brasileiros", a "Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes" (Campinas), os anais dos diversos "Colóquios de Estudos Teuto-Brasileiros" e até uma publicação de divulgação cultural como a velha revista "Eu Sei Tudo", que contribuiu para a nossa pesquisa com um importantíssimo título.

(*) Comunicação apresentada à 6ª Semana da História, Franca, 1984.

Do vasto material existente nessas publicações, convém, de início, considerar os relatos integrais e os parciais. Os primeiros, publicados muitas vezes ao longo de diversos volumes (quando suas dimensões o exigem) estão entre os que apresentam maiores probabilidades de virem, com o tempo, a ser tirados em volumes avulsos, em edições oficiais ou particulares. Mas a grande maioria consta de relatos parciais, às vezes apenas os capítulos relativos ao Estado onde as revistas se editam ou aqueles que, por qualquer motivo, mereceram a atenção dos tradutores. Da mesma forma, distinguiremos aqueles que acabaram se transformando em livros e os que permanecem nas páginas das revistas em que foram publicados.

Julgamos oportuno citar alguns exemplos das diversas modalidades indicadas.

1. Relatos integrais, publicados de uma só vez: a **Viagem ao Interior do Brasil**, de Freireyss, e o relato da viagem a São Paulo, do viajante sueco Gustavo Beyer, publicados ambos na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo, vols. 11 e 12, respectivamente; o relato da expedição francesa contra o Rio de Janeiro, em 1711, por Du Plessis-Parseau, publicado no vol. 176 da Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasil.; as **Impressões de um jovem diplomata no Brasil**, de Henri Allizé, publicado na "Revista Brasileira", vol. 3 (4ª fase); ou, ainda, **Imagens e Notas do Brasil**, de Rugendas, publicado na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 13.

2. Relatos integrais, publicados em capítulos: a grande obra de João de Laet sobre o Brasil holandês, estampada ao longo de cinco volumes dos "Anais da Biblioteca Nacional"; a narrativa da viagem do inglês Bigg-Wither ao Paraná, publicada ao longo de vinte e três números da revista "Eu Sei Tudo"; as grandes obras de Karl von den Steinen e Fritz Krause sobre etnografia brasileira, traduzidas por Egon Schaden e publicadas também ao longo de mais de vinte volumes da "Revista do Arquivo Municipal".

3. Relatos parciais: os seis capítulos relativos a Pernambuco, da conhecida obra do Rev. Daniel P. Kidder, publicados pela Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano; as **Cartas sobre a Bahia**, da viajante inglesa Mrs. Kindersley, publicadas em o tomo primeiro dos "Anais do Museu Paulista"; um excerto da obra de Eschwege, contendo o diário da viagem do Rio de Janeiro a Ouro Preto, publicado na "Revista do Museu Paulista"; dois capítulos da obra de João Emanuel Pohl (sobre o rio Paraíba e sobre Pelotas), publicados na "Revista de História"; e as cartas sobre Pernambuco do livro ainda não traduzido para a nossa língua, de Charles Mansfield, publicadas, também na Rev. do Instituto Arqueológico Pernambucano.

4. Relatos tirados posteriormente em livros: a já citada narrativa de viagem de Freireyss, publicada setenta e cinco anos mais tarde pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em sua preciosa coleção "Reconquista

do Brasil”; nesta mesma coleção, encontra-se outro exemplo: a **Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais**, de Charles James Bunbury, que havia sido publicado quase quarenta anos antes nos “Anais da Biblioteca Nacional”; ainda outro exemplo: a **Viagem militar ao Rio Grande do Sul**, do Conde d’Eu, publicado pela primeira vez na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quinze anos depois editada em volume na coleção “Brasiliana” e quarenta e cinco anos mais tarde reeditada pela Itatiaia, na já citada coleção “Reconquista do Brasil”.

5. Relatos nunca tirados em livros: as já citadas obras de João de Laet, Karl von den Steinen e Fritz Krause. Quem tiver necessidade de consultá-las não terá outro recurso senão manusear os numerosos volumes das revistas em que foram publicadas. No caso de João de Laet, são apenas quatro ou cinco volumes; mas no caso de von den Steinen e de Fritz Krause, a publicação estendeu-se por mais de vinte volumes, o que, em termos de tempo, significa mais de dois anos para que a publicação fosse levada a efeito, o que é pouco prático. Mas, há na bibliografia brasileira um caso ainda mais estranho, diríamos mesmo absurdo: a primeira tradução brasileira da importante obra de Henry Koster sobre o Nordeste foi publicada em capítulos, pela Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano; mas como a publicação não se fez em seqüência imediata, a publicação integral do livro demandou mais de trinta anos! Iniciada em 1898, só veio a concluir-se em 1931... É fácil avaliar as inconveniências de tal empreendimento. A sorte, para os leitores, é que poucos anos depois de terminada a publicação na revista pernambucana, foi a obra de Koster editada em livro, e numa tradução bem superior, pois que direta do original inglês, enquanto que a da revista consistiu numa tradução de uma tradução francesa. Desta maneira — e por sorte! — ninguém precisará ir às páginas da Revista do Instituto Arqueológico para ler Koster.

6. Finalmente, uma referência a autores, cujos textos não estão propriamente publicados, mas resenhados, especialmente por Afonso de Taunay. É sabido o quanto o grande historiador se compezeu nesta atividade. Mais de quinze livros publicou ele apenas com resenhas do que viajantes estrangeiros escreveram sobre o Brasil. Uma relação de todos eles poderá ser encontrada em nosso livro sobre Afonso de Taunay (edição do Museu Paulista) e em nossa comunicação à Primeira Semana da História, de Franca, publicada na respectiva **Memória**, sobre **A literatura dos viajantes estrangeiros como fonte para a nossa História**. No caso concreto da presente comunicação, faremos referência a Lommonaco, Ida Pfeiffer, Leclerc e Samuel Arnold e a mais três, resenhados por Escagnole Dória (Pontois), Vinício Stein Campos (Hércules Florence) e Gentil de Assis Moura (Ulrich Schmidel).

Iniciamos nosso “levantamento” pela **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, a qual, diga-se de passagem, não é a publicação mais rica para a nossa pesquisa. Muito mais o seriam a *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* e a *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*. Mas, duas razões levaram-nos a iniciar nosso trabalho pela revista do sodalício paulistano: uma, de ordem afetiva: nossa vinculação, de mais de quarenta anos, com o Instituto de São Paulo; outra, de ordem prática: ser a única revista da qual, até o momento, pudemos dispor de uma coleção completa, pois todas as outras, em quaisquer bibliotecas de São Paulo, estão incompletas; a pesquisa nessas revistas demandaria uma visita ao Rio de Janeiro (Biblioteca Nacional e Instituto Histórico Brasileiro), o que, infelizmente, não tivemos condições de fazer. Mas oportunamente o faremos, para que nossa pesquisa possa ter prosseguimento.

É sabido que a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na época da Regência (1838) estimulou a criação de instituições similares em quase todo o País, a ponto de se poder afirmar não existir atualmente nenhuma capital estadual ou mesmo cidade de certa importância que não tenha seu “Instituto Histórico e Geográfico”, no mais das vezes mais “históricos” que “geográficos” e muitos deles apenas “históricos”. Os primeiros foram criados ainda ao tempo do Império: Pernambuco (1862), Rio Grande do Sul (1863), Alagoas (1869), Ceará (1887)... O de São Paulo, bem como o da Bahia, datam de 1894, e logo em seguida, publicavam ambos suas revistas, seguindo a tradição dos institutos similares. O primeiro volume do Instituto paulista foi publicado em 1895, devendo, conforme exemplo de outras entidades, ser anual. Dificuldades várias tornaram inviável a publicação da revista em alguns anos, o que explica que, tendo o Instituto noventa anos, sua revista esteja com 82 volumes publicados.

Não nos parece devamos incluir entre os estrangeiros que escreveram sobre o Brasil o nome de Orville Derby, aliás um dos fundadores do Instituto de São Paulo. Embora natural dos Estados Unidos, Derby radicou-se no Brasil. Veio para o nosso País com a Expedição Morgan, chefiada por Hartt, e aqui viveu até o seu falecimento, em 1915. Contratado pelo governo imperial para a Comissão Geológica do Império, à qual prestou assinalados serviços, transferiu-se depois para o Museu Nacional. Realizou importantes trabalhos de reconhecimento geológico no vale do São Francisco e em São Paulo, de cuja Comissão Geográfica e Geológica (atual Instituto Geológico) foi o fundador. Interessou-se igualmente pela história de São Paulo, escrevendo numerosos e variados trabalhos, que se encontram publicados em os volumes 2 a 8 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*. Ao cientista norte-americano interessou, particularmente, a reconstituição, aliás quase impossível, do roteiro das bandeiras paulistas. Seus trabalhos a respeito são magistras, como o são as cento e cinquenta

monografias geológicas que deixou, merecendo, por isto, o cognome de “pai da geologia brasileira”. É pois como vulto da geologia e da historiografia brasileira que ele deve ser visto e não como viajante ou estrangeiro que ocasionalmente houvesse escrito sobre o Brasil. Excluído, pois, pelas razões que julgamos ponderáveis, o nome de Orville Derby, nossa “respiga” na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo mostra-nos vinte e cinco relatos, que, a seguir, levantamos, pela ordem cronológica de publicação.

*

1. Volume V, correspondente aos anos de 1889/1900, mas efetivamente publicado em 1901. As pp. 135 a 140, inserem-se as **Reflexões sobre o Brasil**, do capitão Van Vliervelt, comandante da galeota “Tromp”, traduzidas de um manuscrito holandês por E. Hollender, e datadas de Mildeburg, 1745. Infelizmente, o tradutor e possuidor do manuscrito (que o ofereceu ao Instituto), não nos dá nenhuma informação sobre o autor, a não ser a sua qualidade de comandante de uma galeota. Como o título indica, encerram as **Reflexões** diversas generalidades sobre nosso País, com indicações criteriosas demonstrando, por parte de seu autor, um razoável conhecimento do país. O fato de ter sido redigido em meados do século XVIII permitiu ao autor tecer considerações sobre a mineração e sua decadência. Nada encontramos que nos informasse sobre este autor, cujo nome não figura em nenhum catálogo bibliográfico, nem mesmo na preciosa bibliografia sobre holandeses, elaborada por José Honório Rodrigues.

2. Volume VI, correspondente aos anos de 1900/1901, mas efetivamente publicado em 1902, pp. 232 a 235: **Breve descrição do Rio São Francisco e itinerário de Guilherme Glimmerio pelos sertões do Brasil**. Trata-se de um excerto (capítulo segundo do livro oitavo) da grande obra de Jorge Marcgrave, **História Natural do Brasil**, publicada em Amsterdam, em 1648. Deve-se a tradução do excerto ao Professor João Vieira de Almeida, que o traduziu do original latino. A obra completa de Marcgrave só seria traduzida em 1942, por Mons. José Procópio de Magalhães, numa edição, em grande formato, do Museu Paulista. Nesta edição, o excerto em causa figura às páginas 263 e 264. O texto de Glimmerio (ou Glimmer), de fins do século XVI, é um dos mais antigos roteiros do interior do Brasil.

3. Volume VI, correspondente a 1900/1901, publicado em 1902: **Viagem a várias tribos de selvagens na capitania de Minas Gerais; permanência entre elas, descrição de seus usos e costumes**, pelo naturalista alemão G. W. Freireyss, em tradução de Alberto Loeffgren, pp. 236 a 252. Trata-se de um capítulo do relato que será publicado integralmente em o volume XI. Ver, adiante, sob número 8.

4. Volume X, correspondente a 1905, publicado em 1906, p. 529 a 553: **Relación de la guerra y victoria alcanzada contra los portu-**

gueses del Brasil año 1641 en 6 de Abril, pelo Padre Claudio Ruyer, manuscrito da coleção De Angelis, da Biblioteca Nacional; nota explicativa de Capistrano de Abreu esclarece sobre a origem do texto e algumas de suas dificuldades. Peça importante para o conhecimento da luta contra os espanhóis na área das Missões.

5. Volume XI, de 1906, publicado de 1907, pp. 268 a 279: contém **Descobrimento do Brasil: notícia sobre o livro impresso mais antigo que existe, descrevendo este acontecimento**, por José Carlos Rodrigues. Trata-se de um estudo crítico, com excerto da parte relativa ao Brasil, do **Paesi novamente ritrovati**, coletânea de relatos de viagens marítimas publicada por Francanzano Montalbodo, em Vicenza, no ano de 1507. Interessam ao Brasil os capítulos 63 a 66 e início do 67, que assim se intitulam: 63: "Onde em pessoa o rei Manoel consignou o estandarte real ao Capitão"; 64: "Como scorrevano le nave per fortuna" (título deixado no original italiano); 65: "Raiz de que fazem pão, com seus outros costumes"; 66: "Papagaios na terra novamente descoberta". A primeira frase do capítulo 67 relata a partida da armada de Cabral para a Índia: "No outro dia, que foi o 2 de maio do dito ano, a armada fez-se vela em seu caminho para fazer a volta do Cabo da Boa Esperança". Segundo José Carlos Rodrigues o compilador desta primeira descrição impressa do descobrimento do Brasil foi Lorenzo Cretico, embaixador veneziano em Lisboa, cujo verdadeiro nome era Giovanni Matteu Cretico. Vê-se bem, diz ainda o erudito bibliógrafo, "que ainda que não nos tivesse ficado a incomparável carta de Caminha, graças ao Almirante Malipiero, a Angelo Trevigiano e a Giovanni M. Cretico, teríamos esta narração fiel do descobrimento de nossa terra, impressa mais de três séculos antes de ser conhecida a narrativa de Caminha". Pode-se afirmar, sem medo de erro, que, após as duas cartas de Americo Vepucci divulgadas em Paris em 1502, o texto do **Paesi** é a mais antiga notícia publicada sobre o Brasil.

6. Idem, pp. 280 a 305: **A Etnografia da América do Sul ao começar o século XIX**, de Paul Ehrenreich. Etnógrafo alemão (1855-1914) que acompanhou a Karl von den Steinen em sua segunda expedição ao Xingu e depois explorou o Araguaia, Ehrenreich deixou volumosa obra sobre o Brasil, da qual, contudo, a maior parte permanece inédita em português. *O presente estudo foi publicado originalmente no **Archiv für Anthropologie**, nova série, vol. II, Braunschweig, 1904 e, embora não conste nenhuma indicação a respeito, sabe-se que a tradução aqui publicada foi feita por Capistrano de Abreu. Segundo Baldus, esta publicação está ligeiramente abreviada, tendo sido a integral publicada, antes, no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro.*

7. Idem, pp. 20 a 82: **O Estado do Direito entre os autóctones do Brasil**. Tradução de **Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern von Brasilien** (München, 1832) por Alberto Loefgren, revista por A.C. de

gueses del Brasil año 1641 en 6 de Abril, pelo Padre Claudio Ruyer, manuscrito da coleção De Angelis, da Biblioteca Nacional; nota explicativa de Capistrano de Abreu esclarece sobre a origem do texto e algumas de suas dificuldades. Peça importante para o conhecimento da luta contra os espanhóis na área das Missões.

5. Volume XI, de 1906, publicado de 1907, pp. 268 a 279: contém **Descobrimento do Brasil: notícia sobre o livro impresso mais antigo que existe, descrevendo este acontecimento**, por José Carlos Rodrigues. Trata-se de um estudo crítico, com excerto da parte relativa ao Brasil, do **Paesi novamente ritrovati**, coletânea de relatos de viagens marítimas publicada por Francanzano Montalboddo, em Vicenza, no ano de 1507. Interessam ao Brasil os capítulos 63 a 66 e início do 67, que assim se intitulam: 63: "Onde em pessoa o rei Manoel consignou o estandarte real ao Capitão"; 64: "Como scorrevano le nave per fortuna" (título deixado no original italiano); 65: "Raiz de que fazem pão, com seus outros costumes"; 66: "Papagaios na terra novamente descoberta". A primeira frase do capítulo 67 relata a partida da armada de Cabral para a Índia: "No outro dia, que foi o 2 de maio do dito ano, a armada fez-se vela em seu caminho para fazer a volta do Cabo da Boa Esperança". Segundo José Carlos Rodrigues o compilador desta primeira descrição impressa do descobrimento do Brasil foi Lorenzo Cretico, embaixador veneziano em Lisboa, cujo verdadeiro nome era Giovanni Matteu Cretico. Vê-se bem, diz ainda o erudito bibliógrafo, "que ainda que não nos tivesse ficado a incomparável carta de Caminha, graças ao Almirante Malipiero, a Angelo Trevigiano e a Giovanni M. Cretico, teríamos esta narração fiel do descobrimento de nossa terra, impressa mais de três séculos antes de ser conhecida a narrativa de Caminha". Pode-se afirmar, sem medo de erro, que, após as duas cartas de Americo Vepucci divulgadas em Paris em 1502, o texto do **Paesi** é a mais antiga notícia publicada sobre o Brasil.

6. Idem, pp. 280 a 305: **A Etnografia da América do Sul ao começar o século XIX**, de Paul Ehrenreich. Etnógrafo alemão (1855-1914) que acompanhou a Karl von den Steinen em sua segunda expedição ao Xingu e depois explorou o Araguaia, Ehrenreich deixou volumosa obra sobre o Brasil, da qual, contudo, a maior parte permanece inédita em português. *O presente estudo foi publicado originalmente no **Archiv für Anthropologie**, nova série, vol. II, Braunschweig, 1904 e, embora não conste nenhuma indicação a respeito, sabe-se que a tradução aqui publicada foi feita por Capistrano de Abreu. Segundo Baldus, esta publicação está ligeiramente abreviada, tendo sido a integral publicada, antes, no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro.*

7. Idem, pp. 20 a 82: **O Estado do Direito entre os autóctones do Brasil**. Tradução de **Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern von Brasilien** (München, 1832) por Alberto Loefgren, revista por A.C. de

Miranda Azevedo. Esta importante monografia de Martius foi duas vezes tirada em volume: em 1938, pelas Edições e Publicações Brasil, volume primeiro (e parece que único) de uma "Coleção Nacionalista", tendo como tradutor Amaral Gurgel e com prefácio de Spencer Vampré; na realidade, trata-se da mesma tradução de Loeffgren, aqui indicada, apenas com o título modificado para **O Direito entre os Índigenas do Brasil**; e pela segunda vez, foi a obra tirada em volume pela Editora Itatiaia, na coleção "Reconquista do Brasil", vol. 58 (1958), utilizando-se a mesma tradução da Rev. do Inst. Hist. de São Paulo. Esta edição Itatiaia reproduz, à guisa de prefácio, artigo de Max Fleiuss publicado no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, de 16 de julho de 1917, dia do centenário da chegada de Martius ao Brasil; e em apêndice, insere a importantíssima dissertação do sábio alemão oferecida ao Instituto Histórico Brasileiro sobre "Como se deve escrever a História do Brasil", publicada pela primeira vez na própria revista do Instituto, em 1845.

8. Idem, pp. 158 a 228: **Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814-1815**, de G. W. Freireyss (1789-1825). Tradução integral, por Alberto Loeffgren do precioso relato do naturalista alemão, do qual um excerto já foi registrado sob número 3 deste elenco. O manuscrito original encontra-se na Biblioteca da Academia Real das Ciências, da Suécia. Desta obra ocupou-se demoradamente Stig Rydén, no prefácio à edição alemã de 1968. Em 1982, pela Editora Itatiaia (Coleção "Reconquista do Brasil", v. 57) foi a obra de Freireyss, pela primeira vez no Brasil, publicada em livro, utilizando-se a mesma tradução de Loeffgren aqui indicada.

9. Volume XII, de 1907, publicado em 1908, pp. 275 a 311: **Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à Capitania de São Paulo, no Brasil, no verão de 1813, com algumas notícias sobre a cidade da Bahia e a Ilha Tristão da Cunha, entre o Cabo e o Brasil e que há pouco foi ocupada**, por Gustavo Beyer, em tradução direta do original sueco por Alberto Loeffgren. Trata-se de texto integral. Este mesmo volume publica, ainda, alguns estudos sobre Gustavo Beyer, de autoria de Vieira Fazenda e Oliveira Lima; e nos vols. 13 e 14, novos estudos sobre o mesmo viajante, de autoria de Göran Björkmann e do próprio Loeffgren.

10. Volume XIII, de 1908, mas só publicado em 1911, pp. 341 a 357: contém a tradução, por Afonso de Taunay, dos capítulos 25 a 27 do relato de viagens de François Pyard, de Laval, que em 1610 passou pelo Brasil. Convém assinalar ser esta a primeira colaboração de Taunay para a Revista do Instituto, da qual se tornaria, com o tempo, um dos colaboradores mais assíduos.

11. Idem, pp. 165 a 180: **O caminho do Paraguai a Santo André da Borda do Campo**, por Gentil de Assis Moura. Trata-se de um ensaio de reconstituição do itinerário de Ulrich Schmidel, em sua famosa viagem do Paraguai ao litoral atlântico, em 1553. É a mais antiga jornada

realizada nos sertões do Brasil, na área relativa ao planalto paulista. Diversos autores analisaram o texto de Schmidel, especialmente Kloster e Sommer, em volume publicado em 1942 pela Sociedade Hans Staden, de São Paulo, e, na Bolívia, Hernando Sanabria, em erudito livro editado em La Paz, em 1974.

12. Volume XIV, de 1909, mas só publicado em 1912, pp. 85 a 102: **História da fábrica de ferro de São João de Ipanema, na Província de São Paulo**, de Eschwege. Trata-se de um capítulo, traduzido por João Wetter, de **Pluto Brasiliensis**, do grande naturalista alemão. Vem precedido de um estudo sobre Gustavo Beyer a propósito de sua visita a Ipanema. Vale notar que o texto de Eschwege insere longa e importante carta do Tenente-coronel Varnhagen, diretor da Fábrica de Ipanema, sobre a situação do estabelecimento. O **Pluto Brasiliensis** encontra-se em duas edições integrais, em tradução de Domicio de Figueiredo Murta: a primeira, na coleção "Brasiliana", da Editora Nacional, vol. 257 (1944) e a segunda na coleção "Reconquista do Brasil", v. 58, da Editora Itatiaia, (1957).

13. Volume XV, de 1910, mas só publicado em 1912, pp. 337 a 360: **Viagem ao Rio de Janeiro à cidade de São Paulo**. Trata-se de um excerto da grande **Reise in Brasilien**, de Spix e Martius, traduzido por João Wetter. Contém o final do capítulo 2 do livro 2, todo o capítulo primeiro do livro 3 da obra original. A primeira tradução integral do valioso livro dos naturalistas bávaros só apareceria em 1938.

14. Volume XVI, de 1911, mas só publicado em 1914, pp. 235 a 242: sob o título **Um depoimento sobre o 7 de Abril**, Jerônimo de Avelar Figueira de Melo traduziu e publicou a carta do ministro austríaco no Rio de Janeiro, Barão de Daiser, ao Barão de Neumann, em Londres, e que o tradutor encontrou no Ministério dos Estrangeiros, de Viena. É datada de 26 de abril de 1831 e "dá-nos novas impressões, muito inéditas, curiosas e, francamente, muito deprimentes, sobre o estado de espírito do imperador abdicante".

15. Idem, pp. 347 a 356: Luiz Gastão de Escragnolle Dória, em extenso trabalho intitulado **Homens e Épocas**, que ocupa 115 páginas do mesmo vol. XVI da Revista do Instituto paulista, trata de alguns estrangeiros que escreveram sobre o Brasil, o primeiro dos quais Vincent Leblanc, traduzindo a parte relativa ao nosso País de seu livro de viagens, publicado em Paris em 1658. Informa o tradutor ter-se conservado fiel ao original, modificando apenas a divisão dos períodos, para "maior comodidade da leitura e do leitor".

16. Idem, pp. 416 a 424: Sob o título "**Uma testemunha diplomática do 7 de Abril**", Escragnolle Dória, no trabalho acima indicado, dá-nos uma excelente recensão do que o ministro francês Edouard Pontois escreveu sobre uma dos acontecimentos marcantes de nossa história.

17. Volume 23, de 1925, publicado em 1927, pp. 255 a 278: **Fazenda de Ibicaba**, de George Nash Morton, missionário presbiteriano que viveu em Campinas, tendo sido um dos fundadores do “Colégio Internacional”, o primeiro estabelecimento de ensino criado na América do Sul pelas missões protestantes norte-americanas. Este relato, traduzido por João Augusto Pereira Júnior, narra uma visita à Fazenda de Ibicaba, em Limeira, em junho de 1882. Esta importante propriedade agrícola – sabem-no todos – está vinculada à história do trabalho livre em São Paulo, pois nela o Senador Vergueiro empreendeu sua grande experiência com colonos suíços.

18. Volume XXVIII, de 1930, publicado em 1931, pp. 219 a 267: Em monografia intitulada **As “entradas” de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliot**, Plínio Ayrosa publica e comenta importante roteiro de exploração geográfica no oeste do Paraná e sul de Mato Grosso, elaborado por John Henry Elliot, por iniciativa do Barão de Antonina. Aliás, são muitos os roteiros deixados por este norte-americano que se radicou no Paraná onde se pôs a serviço do Barão de Antonina. Todos estão publicados na Rev. do Inst. Hist. Brasileiro e um deles no Boletim do Inst. Hist. Paranaense, mas o texto publicado por Plínio Ayrosa apresenta algumas discordâncias do seu similar do Instituto Brasileiro, além de mais completo. Intitula-se **Itinerário de uma viagem de exploração pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema e os sertões circunjacentes mandado fazer pelo Exmo. Sr. Barão de Antonina**.

19. Volume XL, de 1942, pp. 275 a 294: **A catequese dos índios bororos nos sertões de Mato Grosso**. Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 12 de fevereiro de 1940, pelo missionário salesiano italiano, Pe. Antonio Colbacchini, que durante muitos anos exerceu seu apostolado entre os bororos de Mato Grosso.

Em seu extenso trabalho **Antiquilhas de São Paulo**, publicado nos volumes 46, 47, 48 e 50 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e nunca tirado em volume (sequer uma separata), resenhou Afonso de Taunay quatro viajantes que visitaram a Província de São Paulo no século passado: o italiano Alfonso Lommonaco, o francês Max Leclerc, a austríaca Ida Pfeiffer e o norte-americano Samuel Greene Arnold. A não ser a obra de Max Leclerc (**Cartas do Brasil**), nenhum dos outros tem suas obras traduzidas em nossa língua. O que deles conhecemos deriva apenas das magníficas resenhas de Taunay.

20. Volume 47, de 1952, pp. 67 a 112. A obra de Alfonso Lommonaco **Al Brasile**, foi publicada em Milão, em 1889. O médico italiano visitou o Brasil de 1885 a 1887. Dez capítulos de suas **Antiquilhas** dedica Taunay à recensão do livro do viajante, um dos poucos italianos que nos visitaram. Esteve demoradamente em Campinas e em algumas fazendas do interior de São Paulo. Conjectura Taunay que Lommonaco teria vindo ao Brasil tentar a clínica, não obtendo êxito. “As expressões de malevolência, por vezes exageradas, dão a entender que as reminiscências que

lhe ficaram da passagem pelo Brasil não lhe eram saudosas”. Contudo, pondera o grande historiador, há em seu livro “copiosas informações úteis de nossa vida de antanho e depoimentos por vezes interessantes.

21. Volume 48, de 1952, pp. 24 a 32: De **Lettres du Brésil** (Paris, Plon, Nourrit et Cie., 1890), de Max Leclerc, destacou Taunay o capítulo relativo à Fazenda Santa Veridiana, do Conselheiro Antônio Prado (correspondente a parte do cap. VI da edição original). Convém indicar que a obra de Max Leclerc, importante para os primeiros tempos após a proclamação da República, encontra-se traduzida por Sérgio Milliet, vol. 215 da coleção “Brasiliiana”, da Cia. Editora Nacional, 1942. Infelizmente, nunca foi reeditada.

22. Volume 50, de 1953, pp. 219 a 225: A obra de Ida Pfeiffer — **Eine Frauenfahrt um die Welt** — publicada em Viena, em 1850, foi logo traduzida para o inglês e para o francês (com várias edições). Despertou enorme interesse por ser a primeira viagem de circunavegação empreendida por uma mulher. Todavia, permanece inédita em português, apesar de muitas de suas páginas referirem-se ao Brasil, onde esteve em 1846. Graças aos livros de Taunay, tomamos conhecimento, embora indiretamente das impressões da curiosa viajante sobre o Rio de Janeiro e sobre São Paulo. A parte relativa ao Rio de Janeiro foi resenhada por Taunay em **No Brasil de 1840** (1936), livro este, incorporado, para uma segunda edição, ao volume **Rio de Janeiro de Antanho**, volume 222 da coleção “Brasiliiana”, Editora Nacional, 1942.

23. Idem, pp. 225 a 233: As páginas finais de suas **Antiquilhas de São Paulo** dedicou-as Taunay à recensão dos escritos sobre a capital paulista do historiador norte-americano Samuel Green Arnold, cujo relato de viagem nunca chegou a ser publicado na língua original. Dele existe apenas uma tradução espanhola editada em Buenos Aires, em 1951, ou seja mais de cem anos após a viagem do autor. Em Santos e em São Paulo esteve em 1847. Na capital permaneceu apenas quatro dias, enquanto que em Santos demorou-se quase um mês. Mas a resenha de Taunay refere-se apenas à capital.

24. Volume 68, de 1970, pp. 357 a 389: O raro relato do circunavegador austríaco Karl von Scherzer, foi publicado em Viena, em 1864. Intitula-se **Circunavegação da terra pela Fragata Austríaca NOVARA nos anos de 1857, 1858, 1859, sob o comando do Comodoro B. von Wullerstorf-Ubrair**, e mereceu traduções para o inglês e o italiano. O que se insere neste volume é apenas a parte relativa ao Brasil, em tradução de Rudolf Robert Hinner, com apresentação de Aureliano Leite.

25. Volume 73, de 1978, pp. 1 a 8: **Há 150 anos partia de Porto Feliz a Expedição Langsdorff**, por Vinício Stein Campos. Embora o presente trabalho não contenha nenhum texto do relato da viagem,

merece, contudo, nossa consideração por recordar o sesquicentenário da famosa Expedição Langsdorff, conhecida hoje graças à narrativa que dela nos deixou Hércules Florence em livro diversas vezes editado. Mais ainda: tem o estudo do Professor Vinício Stein Campos o empenho de desmascarar as deturpações que vem sendo feitas por autores soviéticos das verdadeiras finalidades da malograda expedição. Sua crítica visa particularmente à publicação, em português, da obra de Manizer (que no Brasil esteve em 1914/15), não tanto por ela em si, mas pelo prefácio tendencioso que lhe antepôs o escritor russo B.G. Xprintsin, “que não pode passar sem o devido reparo e a contestação esclarecedora que desmascare as inverdades que ao meticuloso trabalho do pesquisador russo (Manizer) arditosamente se agregaram”.

*

Eis, por ordem alfabética, os autores estrangeiros constantes da
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo:

Arnold, Samuel Green — vol. 50	Lommonaco, A. — vol. 47
Beyer, Gustavo — vol. 12	Martius — Vols. 11 e 15
Colbacchini, A. — vol. 40	Morton, G. Nasch — vol. 23
Daiser, Barão de — vol. 16	“Paesi novamente ritrovati” — vol. 11
Ehrenreich, Paul — vol. 11	Pfeiffer, Ida — vol. 50
Elliot, J. H. — vol. 28	Pontois, E. — vol. 16
Eschwege, W. — vol. 15	Pyrard de Laval — vol. 13
Freireyss vols. 6 e 11	Ruyer, Claudio — vol. 10
Glimmer — vol. 6	Scherzer — vol. 68
Langsdorff — vol. 73	Schmidel — vol. 13
Leblanc, V. — vol. 16	Spix — vol. 15
Leclerc, M. — vol. 48	van Vliervelt — vol. 5